

Instituto de arte contemporânea

o início está no suave
voo de ave mansa
> abre-se um cromário
-bestiário da cõr-
nas paredes poente
vai no carrossel
de virgens a montra
tentadora e constante,
projetando pombas
> em pulos de pó
mágico olhar que
atravez do meu
descobre um processo
mudo e calmo constrói
miríades de objetos
sem nome rompendo
dolorosa barreira
preconceitual averter
abrupta e subitamente
uma imensidão
fecunda etérea
nesses brandos corpos
infelicitados
duras grades de gotas
cruas onde dentro
uma ponta de punhal
há tanto já
> vai caminhando
no clamor do habitat
reverbera a planura
estéril e instavel!
um mundo sem espelhos
de luz atroz
> o temor que nas furnas
lotadas dispara
seu facil contágio
-plúmbeos cardeais
planejam caminhando-
de silêncio como grande
possibilidade de vida

o grito vermelho
vomitando uma faca que
vasculhando tenta achar
o lugar ~~perseuata~~
que se mata pelo dor
> na paisagem nem um
sinal de sol somente
hoje ouvimos brados
sufocados ^{mas} há
o júri dos seres
que a natureza os faz
podres e depois
> simplesmente os renega
julga-os por um
enorme cõro de olhos
em feições frias
encarceradas contidas
dentro dum envólucro
-pele trémula morna
> entretanto há um
anjo que cai ainda
visível brilha
poderoso e se desfaz
na sua lassidão
energética e continua
> o complicado enigma
> um torpor letal draga
o corpo inerte forçado
sempre resolve saltar
parar acalmar compor
uma carga de pranto
molhando entre dedos
uma vergonha assintosa
de vivos melancólicos
circunscritos em uma
face-padrão a marcar
indissolúvelmente
sós num princípio
o seu fim.

à fenolftaleína fuzilam
flôres em céu caudente

transbordado o poço
das mãos os pés
a lama sucumbe